



Vol. 3 nº 6 jul./dez. 2008

p. 101-118

OS CAMINHOS DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO NO COTIDIANO ESCOLAR

Silvano da Conceição ¹
Elisabete Conceição Huga Magrini ²

Resumo: Nesse texto apresentamos algumas reflexões em relação à manifestação do fenômeno *bullying* na sala de aula. Considerado um comportamento agressivo entre iguais que causa danos físicos e emocionais irreversíveis às vítimas, também é considerado um fenômeno social complexo e de difícil diagnóstico por envolver condutas e valores que resultam de processos sociais. O presente artigo procura contribuir com a discussão revisitando um conjunto de fontes bibliográficas, procurando estabelecer uma conexão entre o fenômeno da agressão em si com a manifestação do fenômeno *bullying*. No geral, a diminuição da manifestação desse fenômeno no cotidiano escolar está diretamente associada à sensibilização e à conscientização da família e de toda a comunidade escolar, para que os educadores possam intervir de forma coerente e a escola possa adotar medidas de prevenção necessárias.

Palavras-Chave: Agressividade escolar; Antropologia; *Bullying*; Psicologia social.

THE WAYS OF THE AGGRESSIVE BEHAVIOR IN THE DAILY LIFE SCHOOL

Abstract: In this text we presented some reflections about the manifestation of the bullying phenomenon in the classroom. It is considered an aggressive behavior among same people that you/they cause irreversible physical and emotional damages in the victims, also is considered a complex social phenomenon and have difficult diagnosis because involve conducts and values that are results from social processes. The present article tries to contribute with the discussion revisiting a group of bibliographies, searching to establish a connection between the phenomenon of the aggression in itself and the manifestation of the bullying phenomenon. In the general, the decrease of the manifestation of this phenomenon in the scholar daily is directly associated to the sensibilization and the understanding of the family and of the whole school community, so that the educators can intervene in a coherent way, and the school can adopt measures of necessary prevention.

Keywords: School aggressiveness; Anthropology; *Bullying*; Social psychology.

I. APRESENTAÇÃO E DEFINIÇÃO DO FENÔMENO: AGRESSIVIDADE EM SUA DUPLA FACE

“Sou inteiramente contrário a qualquer violência na educação de uma alma jovem que se deseje instruir no culto da honra e da liberdade [...]. O único resultado que pude constatar no emprego da vara ou do chicote foi tornar as almas mais covardes e mais obstinadas no mal” (MONTAIGNE, 1987, p. 183-184).

1.1 A agressividade como instinto

Diversas são as teorias que tentam explicar o que ocorre nas relações em que o indivíduo acaba prejudicando o outro de forma violenta, expondo uma agressividade que, muitas vezes, se relaciona a fatores externos à escola, ou mesmo a seu contexto social. Nesse sentido, trabalharemos com a seguinte definição do fenômeno agressão: “agressão é qualquer comportamento com intenção de prejudicar outra pessoa e que essa pessoa-alvo deseja evitar” (KREBS, 1982 *apud* MICHENER, DELAMATER, MYERS, 2005, p. 330). A partir dessa definição podemos apontar que os danos gerados pela agressão podem ser de ordem física, psicológica ou social.

As teorias sobre a agressividade podem ser agrupadas em dois grupos: a) “Teorias ativas: aquelas que defendem a agressividade como impulsos internos e inatos. A agressividade seria algo próprio da espécie humana e, portanto, impossível de evitar; b) Teorias reativas: aquelas que defendem que a agressividade tem influência ambiental. A agressividade seria uma reação aprendida no ambiente” (FANTE, 2005, p. 162). As teorias ativas tratam da agressividade como uma reação “inata” do organismo, algo que faz parte da essência humana, ou seja, o organismo é capaz de gerar impulsos hostis que devem ser liberados, agredindo outras pessoas, voltando a violência contra nós mesmos (suicídio) ou sofrendo distúrbios internos (doença física ou mental). Na psicanálise, analisando a teoria da personalidade, percebemos que o indivíduo deve ter seu amadurecimento emocional distribuído por etapas, portanto, são elas: o **Id** – que é o prazer, o **Ego** – que é a realidade e o **Superego** – que é o elemento moral do indivíduo, e que elas precisam de harmonia entre si, caso contrário o indivíduo se frustra e adocece (FREUD, 1930 *apud* MORRISH, 1975). O indivíduo que é equilibrado consegue controlar suas necessidades, ou seja, o seu ego. Caso contrário, se não consegue gerenciar situações de conflito entre a busca de satisfação ligadas ao *id* e a realidade ou a moralidade do superego, então a criança desenvolve problemas de personalidade, pois vivências reprimidas influenciam as emoções e as ações (FREUD, 1962).

Antes de considerarmos as crianças maldosas desde pequenas precisamos levar em conta uma série de acontecimentos que fazem com que elas se tornem antissociais. As crianças nem sempre entendem o que está acontecendo com elas, pois são dependentes e desprotegidas. Assim, o adulto precisa cuidar e mediar todo o seu

crescimento e amadurecimento, para que suas necessidades e inseguranças sejam atendidas, pois, caso contrário, isso pode gerar situações de medo, de ansiedade e de angústia.

Entendemos que todos os humanos podem se tornar agressivos, dependendo a situação envolvida. O que precisamos estabelecer é que a agressividade natural que permeia as relações é diferente da violência, pois esta se torna algo cruel e gratuito, em que a intenção é de machucar o outro (FERNÁNDEZ, 2005). Se observarmos na história humana, verificaremos que ela é baseada na agressividade, já que o homem primitivo fazia uso da mesma agressividade no sentido de sua proteção e sobrevivência. E, com a evolução das civilizações humanas e todas as suas tecnologias, isso se manteve oculto nas relações, pois vivemos em um mundo individualista e competitivo, baseado na reprodução de valores.

Mesmo assim, não podemos generalizar a agressividade humana ou compará-la à agressividade animal. Segundo estudos, o perfil da agressão humana não possui duas características típicas do comportamento instintivo animal, quais sejam, a universalidade e a periodicidade. As necessidades humanas de respirar e de comer são atinentes a todos os indivíduos da espécie, portanto são consideradas universais e periódicas, já que surgem pela falta e desaparecem quando atendidas, mas a agressão, ao contrário, surge entre alguns indivíduos e sociedades. Segundo Dollard et al. (1939 *apud* MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005, p. 332):

A agressão consiste em um estado interno acionado por certos acontecimentos. A visão mais conhecida da agressão como impulso provocado é a da hipótese de frustração-agressão. Essa hipótese apresenta duas afirmações fortes. Primeiro, toda frustração provoca alguma forma de agressão. Segundo, todo ato agressivo é resultante de alguma frustração anterior.

Dependendo da maneira como as situações acontecem, as frustrações podem desencadear conflitos que são complexos e extensos, causando reações de afeto hostil. Assim, os sentimentos se misturam com raiva, desencadeando uma emoção negativa em que os envolvidos buscam eliminar, de alguma forma, todo esse sofrimento. Os sentimentos de raiva, de ira, de desejo de vingança e de desconforto fazem com que as emoções ultrapassem todos os níveis de tolerância, comprometendo os envolvidos nesse tipo de agressão.

1.2 A agressividade como aprendizagem social

Se alguns pesquisadores discutem a agressividade como reflexo instintivo, outros defendem que os indivíduos, por imitação ou por reforço de situações positivas e negativas vividas, adquirem agressividade. Conforme seu processo de socialização, a criança, em contato com diversas informações, vai associando o objeto ao significado, e todo esse processo vai influenciando seus comportamentos. Assim, “[...] enfatiza que a

personalidade ainda incipiente da criança que está sendo gradualmente elaborada é um produto social” (MEAD *apud* MORRISH, 1975, p. 205).

As crianças copiam toda a forma de ser dos adultos, não conseguindo avaliar o que é certo ou errado nas suas atitudes. Conforme elas vão crescendo, esses valores vão se tornando verdades, fazendo com que as relações aconteçam baseadas em seu comportamento. Dessa forma, a criança vai demonstrando suas habilidades aprendidas, sejam elas agressivas ou não.

A integração dentro das estruturas sociais envolve aceitação de regras, de crenças e de comportamentos na relação com as outras pessoas. A socialização acontece a vida toda, assim, no decorrer do tempo, abandonamos alguns papéis e adotamos outros. Estabelecendo que nossos comportamentos são atitudes desempenhadas dentro da sociedade e que se alteram de acordo com nossas intenções, precisamos entender o que influencia esse comportamento de agressividade, já que os seres humanos têm a capacidade de mudanças. Para Michener, Delamater, Myers, (2005, p. 128):

Nossas identidades fazem-nos observar sensações particulares, e influenciam as interpretações e rotulações emocionais que atribuímos a elas. Quando nossas emoções parecem socialmente inadequadas tentamos modificar nossos sentimentos. A adoção de papéis pode provocar diversas emoções.

As influências alteram totalmente a forma de agir dos indivíduos. Assim, para explicar o comportamento humano, várias explicações são elaboradas na tentativa de estudar o que leva o indivíduo a se sentir mais forte do que o outro nas relações, desconsiderando, muitas vezes, o que foi aprendido durante sua socialização. Desde muito pequenas, as crianças aprendem, na convivência com os seus semelhantes, que precisam pedir para que suas necessidades sejam atendidas. Dessa maneira, se essas crianças não conseguirem ter seus desejos atendidos, elas agem, muitas vezes, de forma negativa, gerando conflitos que necessitam ser solucionados para que não ocorra uma confusão de valores ou uma inversão de regras.

Nas suas relações, as crianças ou os jovens procuram se relacionar com os demais, seja em casa ou na escola. Nesses relacionamentos, caso se sintam excluídas, resolvem seus conflitos de uma forma violenta, comportamento que acham correto. Modificar esse comportamento agressivo é considerado uma tarefa difícil, já que envolve a escola e toda a sociedade. Toda essa agressividade tem diversos aspectos. Segundo Ruiz (*apud* FERNÁNDEZ, 2005, p. 37), são fatores de risco para a agressividade das crianças e dos adolescentes:

- A desestruturação da família, cujo papel tradicional é questionado pela ausência de um dos progenitores ou por falta de atenção.
- Os maus tratos e o exemplo violento no seio da família, onde a criança aprende a resolver os conflitos por meio de danos físicos ou agressão verbal.

- Os exemplos familiares por meio dos quais se aprende que o poder é sempre exercido pelo mais forte, com falta de negociação e de diálogo.
- Os métodos utilizados com relação à criança, com práticas excessivamente permissivas e inconsistentes, ou, ao contrário, práticas restritivas e, em alguns casos, excessivamente punitivas.
- A falta de afeto entre os cônjuges, isto somado à ausência de segurança e ausência de carinho, o que provoca conflitos familiares.

O comportamento agressivo vivenciado pela criança dentro da família ensina que esse tipo de agressão é uma atitude aceitável no grupo e a criança acaba por imitar esse processo vivenciado em casa. Dessa maneira, a criança adquire a agressividade imitando os demais adultos. O reforço também é um processo em que as pessoas adquirem comportamentos agressivos e, nesse sentido, a teoria de aprendizagem social explicita que a expectativa de recompensa acaba motivando o indivíduo a se comportar de maneira agressiva, já que ele adquiriu esse comportamento em suas experiências.

Precisamos entender que as relações interpessoais, bem como o conjunto de emoções que estão presentes em nossas vidas, colocam a urgência de se buscar a escola como um lugar agradável, em que a fragmentação e o desrespeito não façam parte do contexto. Segundo Fernández (2005, p. 28):

Trata-se de um matiz de poder e de controle interpessoal que se pratica inserido no processo natural de socialização e que se deve ser explorado de forma adequada, senão o aluno fica à mercê do colega que, sentindo-se mais forte ou com maior habilidade, pode submetê-lo a um tipo de relacionamento que inclui de certa forma o poder social e o controle de uma personalidade por parte de outra.

Toda relação violenta envolve o uso do poder, seja por submissão para conseguir dominar, ou pelo uso da força por meio de agressão física, ou mesmo fazendo uso do *status* perante o outro, assim gerando conflitos que sempre produzirão comportamento indesejável perante o grupo e perante todos os que nele interagem. Assim, podemos considerar que os aspectos sociais são propulsores de agressividade. Segundo Lebrun (2004, p. 20-21):

O poder não é um ser, “alguma coisa que se adquire, se toma ou se divide, algo que se deixa escapar”. É o nome atribuído a um conjunto de relações que formigam por toda parte na espessura do corpo social (poder pedagógico, poder pátrio, poder do policial, poder do contramestre, poder do psicanalista, poder do padre, etc.).

Podemos constatar que o poder está em nossa cultura. Assim, o ato de dominar o outro por meio de influência ou de força é comum ao ser humano. A interação social é, portanto, algo difícil e complexo, pois não damos conta de muitos desafios que a vida

nos coloca. Assim, em razão disso, muitos de nós carregaremos para sempre identidades comprometidas.

A influência social ocorre quando o comportamento de uma pessoa (a fonte) faz com que a outra (o alvo) mude de opinião ou realize uma ação que ela, de outra forma, não realizaria. Importantes formas de influência aberta incluem a persuasão, o uso de ameaças e de promessas e o exercício da autoridade legítima. Nas tentativas do uso da influência na busca de mudança de comportamento, encontramos a influência aberta que se faz por meio do uso da comunicação persuasiva, por meio de ameaças ou de promessas, e da autoridade legítima, e também a influência manipuladora, em que a tentativa é oculta ao alvo. Essas influências possuem o poder de alterar comportamentos por criarem situações as quais fazem o indivíduo visado modificar suas atitudes perante certa situação. Assim, portanto, mediante a consciência do papel no grupo, o indivíduo registra reações as quais são respostas de suas construções cognitivas – o “[...] eu se dá conforme a vivência” (CURY apud FANTE, 2005).

Agimos mediante diálogo interno. A mente humana cria situações e regula todo o comportamento do indivíduo. Usando símbolos e significados, guia nossas ideias em relação ao outro e a nós mesmos, gerando ações (MEAD, 1934 apud MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005, p. 100). Os símbolos são instrumentos da integração social. Enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, tornam possível o consenso do mundo social, consenso que contribui para a reprodução da ordem social.

Conforme as crianças vão criando sua própria maneira de se relacionar umas com as outras, os conflitos vão surgindo, e elas vão assumindo suas identidades, de acordo com seus valores, estabelecendo relações dentro do grupo. Dessa forma, os padrões de comportamento e as atitudes se tornam referências a seguir. Assim, os sistemas simbólicos distinguem-se fundamentalmente conforme sejam produzidos e, ao mesmo tempo, conforme sejam apropriados pelo conjunto do grupo.

Quando essas crianças passam a conviver com seus semelhantes nas salas de aula, acabam gerando conflitos, algumas se tornando agressoras em potencial, assim muitas vezes reproduzindo agressões contra seus pares, sendo esta a oportunidade de devolver ou resolver seus conflitos internos. Essa confrontação nas suas relações em sala ou mesmo na escola é denominada *bullying*. Como é uma situação de extrema violência e todos os envolvidos são drasticamente prejudicados, necessitamos estabelecer o entendimento de todo o processo dessa agressividade enquanto educadores para que a reflexão seja ponto de partida na busca da solução desse desafio que faz parte da vida da escola, e que envolve nossas crianças e jovens.

2. AGRESSIVIDADE NA SALA DE AULA: *BULLYING*

2.1 *Bullying: um comportamento social de marcas irreversíveis*

“Já que é inevitável o conflito entre grupos acerca de determinadas questões – de outro modo, não seriam grupos diferentes – e já que é inevitável a concepção diferente dos eventos da parte daqueles que estão mirando lados opostos da arma, não tem sentido falar de tentar erradicar da mente humana a tendência a estereotipar, a designar apressadamente e a supersimplificar. Não queremos dizer com isso que os humanos são estúpidos, mas que são perfeitos humanos” (STRAUSS, 1999, p. 40).

Pela perspectiva apresentada no fragmento anterior, percebemos, claramente, que a vida em sociedade envolve um conjunto de situações conflituosas, pois a sociedade não é constituída por uma subjetividade homogênea. Muito pelo contrário, mesmo entre os membros de uma mesma coletividade é normal que surjam diferentes modos de ver e de interpretar o mundo que os rodeia.

O propósito deste item do trabalho é discutir justamente quando essas diferentes subjetividades extrapolam limites e passam a promover ferimentos de diversas amplitudes e magnitudes na vida social como um todo. Mais precisamente, nosso enfoque estará na apresentação e discussão do fenômeno *bullying* no cotidiano escolar, com destaque específico na tipificação do fenômeno e nas diversas consequências que o mesmo pode gerar nesse contexto.

A violência vem fazendo parte das sociedades, visto que ela acontece de diversas formas e em contextos variados, trazendo em seu bojo uma série de agressões físicas e verbais, o que corrói valores e comportamentos e inviabiliza uma convivência harmoniosa e sadia. O que se sabe é que “[...] a violência na escola tem suas raízes no bairro, na família e em variáveis estruturais como a pobreza e a privação (CUBAS et alii, 2006, p. 35). Por meio da realização e da divulgação de diversas pesquisas, podemos notar que uma nova forma abusiva e intimidatória, denominada *bullying* (que se alastra principalmente nas escolas³), vem fazendo reféns a muitas de nossas crianças e jovens, deixando-os comprometidos emocionalmente, prejudicando seu desenvolvimento escolar e suas relações.

Por definição universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais. (FANTE, 2005, p. 28-29).

No ambiente escolar, essa violência é classificada como “*fenômeno bullying*”, fenômeno este que ocorre de forma silenciosa, e que acarreta prejuízos a milhares de crianças e jovens, deixando um rastro de consequências irreversíveis às vítimas. Em diferentes situações, a constatação do termo fica prejudicada devido à dificuldade na tradução do *bullying*, e assim acaba sendo abordada com diferentes definições, mas “[...] precisa-se considerar características próprias do fenômeno como, tem que haver ofensa intencional, que esta se repita por um período longo, e tenha certo desequilíbrio de poder envolvido” (OLWEUS, 1993 apud CUBAS, 2005).

Segundo Lopes Neto (2007, p. 12), “O que caracteriza o *bullying* são as agressões repetidas, praticadas entre pessoas que, teoricamente, deveriam ser iguais em direitos e deveres”. O autor do *bullying* é, portanto, um indivíduo que faz uso da agressão como uma arma contra outra pessoa, desconsiderando valores aprendidos, não conseguindo estabelecer que o alvo é alguém semelhante a ele, e assim gerando conflitos a seu redor.

2.2 Histórico do fenômeno e a busca de sua compreensão

Os estudos em torno da violência em ambiente escolar se iniciaram a partir de 1970, quando o professor Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Berger, na Noruega, fez suas primeiras pesquisas sobre violência escolar, constatando que certas tragédias tinham algo em comum. Assim, Olweus criou as primeiras formas de avaliar esses comportamentos na escola, criando um programa de intervenção levando em consideração a forma como aconteciam. Os dados desses levantamentos foram despertando campanhas em diversos países, com o objetivo de buscar maneiras de solução dessa violência, que não escolhe determinado cenário, simplesmente acontece, seja em escolas particulares ou públicas (FANTE, 2005).

No início dos estudos, o fenômeno não foi algo de interesse geral entre os educadores, mas, conforme as violências foram fazendo parte do cenário de diversas escolas do mundo, autoridades e o meio educacional, como pesquisadores no Brasil, posicionaram-se também, com medidas de intervenção com o objetivo de conscientizar a sociedade e proteger os alunos de tal violência. A partir da década de 1990, foram desenvolvidos diversos estudos envolvendo órgãos públicos para a mudança do cenário da violência nas escolas. Desde então já se acreditava que, para a diminuição desse quadro de violência, se fazia necessária a participação conjunta da sociedade, das famílias e das escolas, situação em que “A escola é parte do problema e parte da solução” (CUBAS, 2006, p. 35).

Os levantamentos apontam para o fato de que a sala de aula é o local em que mais ocorrem conflitos, considerando, em seguida, os corredores e os pátios. As escolas não podem, portanto, ignorar o fato, e sim precisam se conscientizar de “[...] que os profissionais de educação deveriam ser treinados a interpretar, diagnosticar e diferenciar o *bullying* das ‘brincadeiras próprias da idade’” (FANTE, 2005). A presença do fenômeno

bullying constitui realidade inegável em nossas escolas, independentemente do turno escolar, das áreas de localização, do tamanho das escolas ou das cidades, de serem séries iniciais ou finais, de ser escola pública ou privada. Isso significa que o *bullying* acontece em 100% das nossas escolas.

Mesmo o fenômeno fazendo parte do cotidiano de nossas escolas, a falta de informação e de dados específicos em relação a esse tipo de violência coloca o Brasil em atraso nas pesquisas e nos métodos de intervenção em relação aos demais países. A escola, a família, ou seja, as sociedades não estão preparadas para esse cenário e a violência está em todos os lugares. A família, os gestores, os professores e todos os que fazem parte da escola precisam conhecer o *bullying*, e considerar todas as suas características, para, assim, determinar, de forma ampla e clara, normas para buscar uma convivência pacífica, tornando a escola um espaço seguro e agradável, criando espaços para discussão e reflexão sobre valores indispensáveis à convivência humana, contribuindo para uma mentalidade de tolerância às diferenças.

Podemos constatar alguns estudos no Brasil na busca de uma compreensão, como os que a ABRÁPIA, em parceria com a Petrobrás, com sede no Rio de Janeiro, desenvolveu para diagnosticar e tentar a redução do *bullying* no Brasil, a respeito do que afirmou Lopes Neto (2005): “apesar de o estudo ter sido realizado no período de setembro/2002 a outubro/2003, foi possível reduzir a agressividade entre os estudantes, favorecendo o ambiente escolar”. Os quadros a seguir mostram dados coletados pela ABRÁPIA, na busca da redução da violência escolar.

QUADRO I – Percepção dos estudantes quanto à prática de *bullying* nas escolas

Dados da pesquisa inicial da ABRÁPIA
<ul style="list-style-type: none">• 40,5% dos alunos admitiram estar diretamente envolvidos em atos de <i>bullying</i>, sendo 16,9% como alvos, 12,7% como autores e 10,9% ora como alvos, ora como autores;• 60,2% dos alunos afirmaram que o <i>bullying</i> ocorre mais freqüentemente dentro das salas de aula;• 80% dos estudantes manifestaram sentimentos contrários aos atos de <i>bullying</i>, como medo, pena, tristeza, etc.• 41,6% dos que admitiram ser alvos de <i>bullying</i> disseram não ter solicitado ajuda aos colegas, professores ou família;• entre aqueles que pediram auxílio para reduzir ou cessar seu sofrimento, o objetivo só foi atingido em 23,7% dos casos;• 69,3% dos jovens admitiram não saber as razões que levam à ocorrência de <i>bullying</i> ou acreditam tratar-se de uma forma de brincadeira;• entre os alunos autores de <i>bullying</i>, 51,8% afirmaram que não receberam nenhum tipo de orientação ou advertência quanto à incorreção de seus atos.

Fonte: Lopes Neto, 2005, p. S166.

QUADRO 2 – Percepção dos estudantes quanto à prática de *bullying* nas escolas

**Alterações detectadas na avaliação final
do projeto da ABRAPIA**

- 79,9% dos alunos admitem saber o que é *bullying*;
- redução de 6,6% de alunos alvos;
- redução de 12,3% de alunos autores de *bullying*;
- a indicação da sala de aula como local de maior incidência de atos de *bullying* caiu de 60,2% para 39,3%, representando uma queda de 24,7%;
- o número de alunos que admitia gostar de ver o colega sofrer *bullying* reduziu-se em 46,1%;
- entre os alunos alvos que buscaram ajuda, o sucesso das intervenções para a redução ou cessação do *bullying* teve um crescimento de 75,9%;
- o desconhecimento sobre o entendimento das razões que levam à prática de *bullying* reduziu-se em 49,1%;
- aqueles que admitiram o *bullying* como um ato de maldade passou de 4,4% para 25,2% das respostas, representando um aumento de 472,7%;
- o número de alunos autores de *bullying* que admitiu ter recebido orientações e advertências quanto à incorreção de seus atos passou de 45,6% para 68%, representando um crescimento de 33,4%.

Fonte: Lopes Neto, 2005, p. S166.

QUADRO 3 – Sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de *bullying*

Enurese noturna
Alterações do sono
Cefaléia
Dor epigástrica
Desmaios
Vômitos
Dores em extremidades
Paralisias
Hiperventilação
Queixas visuais
Síndrome do intestino irritável
Anorexia
Bulimia
Isolamento
Tentativas de suicídio
Irritabilidade
Agressividade
Ansiedade
Perda de memória
Histeria
Depressão
Pânico
Relatos de medo
Resistência em ir à escola
Demonstrações de tristeza
Insegurança por estar na escola
Mau rendimento escolar
Atos deliberados de auto-agressão

Fonte: Lopes Neto, 2005, p. S169.

O levantamento que a ABRAPIA conseguiu em suas pesquisas (Quadro 1) demonstra que os estudantes não possuem consciência do fenômeno, não possuem a consciência do fenômeno como uma agressão que provoca dor e sofrimento aos demais, deixando claro que a falta de orientação por parte dos professores nos casos desse tipo de violência nas escolas tem dimensões amplas. Ao compararmos os dados do Quadro 1 com os resultados do Quadro 2 (após a aplicação do “*Programa de redução do comportamento agressivo entre os estudantes*”), percebemos que houve uma alteração de todos os índices, sinalizando que é possível levar os alunos a se posicionarem positivamente no processo de erradicação ou de diminuição dessas agressões em sala de aula, bem como melhorar a qualidade do ambiente escolar em todos os sentidos.

As pesquisas demonstram que é muito importante separar as agressões que caracterizam o *bullying* dos conflitos momentâneos que acontecem com frequência no dia a dia de sala de aula. Mesmo que ainda seja cedo para admitirmos que essa violência se tornou corriqueira no processo educacional, precisamos estar atentos valorizando as mais diferentes formas que ela possa aparecer, seja de maneira direta ou indireta, pois ambas são aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima. A forma direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a forma indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última forma acontece através da disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e à exclusão da vítima de seu grupo social (FANTE, 2005, p. 50).

Segue-se, portanto, que todos os que fazem parte do processo educativo precisam se envolver, para que aconteça a conscientização e para que conflitos que tenham violências físicas, como brigas, ou mesmo o uso de apelidos maldosos que denigrem a imagem pessoal desse aluno perante aos demais, sejam resolvidos de maneira eficaz com o comprometimento de toda a comunidade escolar. A ocorrência do *bullying* é mais frequente em escolas que apresentam alta rotatividade de professores, onde os padrões de comportamento não estão estabelecidos e onde não há medidas para o controle da indisciplina, onde a supervisão dos alunos é inadequada, entre outros (CUBAS, 2006, p. 202-203).

O mundo de hoje sugere distanciamento e acabamos não conseguindo resolver conflitos em nossas salas de aula, prejudicando todo o processo de interação com os alunos e a qualidade de nossas escolas, não tendo nenhum tipo de envolvimento. Segundo Beaudoin; Taylor (2006, p. 119), “[...] não há nada pior do que se sentir sozinho na multidão, e isso é verdade tanto no caso dos adultos quanto dos alunos que lutam contra questões sociais, como o desrespeito e o *bullying*”.

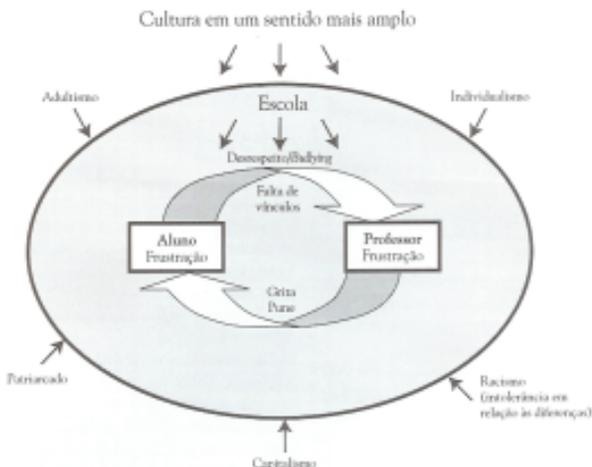


FIGURA 1 - Ciclos de interações problemáticas no contexto escolar entre professores e alunos (Fonte: BEAUDOIN; TAYLOR, 2006, p. 80).

Podemos notar, na Figura 1, que muitos educadores procuram controlar a agressividade dos alunos, mas se deparam com situações frustrantes, e, nesse processo, alguns acabam se sentindo incapazes e infelizes por não conseguirem mudar a situação. De certa forma, isso acaba indiretamente potencializando os conflitos na escola. O contexto e as pressões da escola acabam por influenciar a todos e cada indivíduo sente as pressões de uma maneira específica: “os alunos, que ocupam uma posição inferior na hierarquia, talvez sintam uma versão intensificada dos efeitos devido a sua limitação em modificar essas pressões” (BEAUDOIN; TAYLOR, 2006, p. 79).

Precisamos repensar a cultura de que precisa ter “o mais forte e o mais fraco” nas relações humanas, ou mesmo que a submissão sempre existiu, e observar e combater situações corriqueiras em que as brincadeiras machuquem. Precisamos estar sempre atentos à prática do *bullying*, já que os papéis são claramente definidos, deixando um rastro de sofrimento e de dor em nossos jovens. De acordo com Fante (2005, p. 71-73), os envolvidos no fenômeno *bullying* tem papéis definidos e classificam-se de maneiras diferentes:

Vítima típica [...] é um indivíduo pouco sociável, que sofre repetidamente as agressões dos comportamentos agressivos dos outros e que não dispõe de recursos, status e habilidades para reagir, geralmente frágil, inseguro e com baixa-estima, apresenta ansiedade e aspectos depressivos.

Vítima provocadora - aquela que provoca e atrai reações agressivas com as quais não consegue lidar com eficiência.

Vítima agressora - aquela que reproduz os maus-tratos sofridos.

Agressor - aquele que vitimiza os mais fracos.

Espectador - aquele aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica.

Uma vez detectado o *bullying*, este tem como ser repreendido nas escolas, com o objetivo de diminuir tamanho sofrimento de crianças e de jovens. Em contrapartida, o mundo das tecnologias oferece novos riscos e novas formas de agressões, que, por sua vez, provocam tamanha crueldade em maior proporção, formas denominadas de *cyberbullying*, em que a violência acontece de forma rápida, em que não é possível saber quem está do outro lado, ou seja, em que um agressor anônimo, num simples apertar de teclas, coloca a vítima em sofrimento. Precisamos, portanto, considerar todas as lacunas que se abrem na sociedade para entender o que está por trás de tamanha violência e agressividade de algumas de nossas crianças (ou alguns de nossos jovens) contra outras crianças (outros jovens). Nesse tipo de violência virtual, todas as pessoas são consideradas alvos, desde que não tenham certo cuidado ao manusear essas ferramentas. No *cyberbullying*, o agressor invade e-mail, orkut, messenger, assim expondo moralmente as vítimas.

No Brasil, ainda não temos como fazer nenhuma estatística já que não existem pesquisas no território nacional a respeito do *cyberbullying*, mas os meios de comunicação expõem certas violências nesse campo virtual, que envolvem os jovens. Essa amostra torna necessário que a escola tenha a responsabilidade de orientar seus alunos para o

uso responsável e ético dos recursos tecnológicos, além dos perigos que podem representar (<www.bullying.pro.br/cyberbullying>).

2.3 Causas e consequências que envolvem o fenômeno bullying

As causas variam de acordo com as mais diversas situações do dia a dia, como: a) a falta de afetividade nas relações; b) pais preocupados em satisfazer o lado material dos filhos, esquecendo de impor a eles limites e regras; c) ou dando certa “liberdade” de ir e vir, sem a mediação necessária; enfim, d) pais se posicionando de forma compensatória ou violenta, prejudicando a formação da personalidade, refletindo na convivência com os outros. As causas desse tipo de comportamento, segundo especialistas, se devem à carência afetiva, à ausência de limites e ao modo de afirmação do poder dos pais sobre os filhos, por meio de “práticas educativas” que incluem maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas.

Retomando os estudos da ABRAPIA, cabe afirmar que muitos jovens não possuem valores formados a respeito do que realmente caracteriza o fenômeno *bullying*. Assim, suas atitudes se manifestam de acordo com as influências que recebem de fora para dentro da escola.

Os avanços da vida moderna e a exigência de uma vida material confortável para uma parte da sociedade fazem com que os pais não possuam tempo para conhecer seus filhos, deixando de perceber vários conflitos que poderiam ser resolvidos no diálogo, e na busca da superação (FANTE, 2005).

A sociedade cobra, cada vez mais, que os indivíduos sejam dinâmicos e preparados profissionalmente, mas isso não traz garantias de felicidade, além de que acaba movimentando emoções muitas vezes frustrantes, desestruturando as famílias e colocando nossos jovens em situação de risco e de agressividade. Segundo Fante (2005, p. 80):

Dependendo da intensidade do sofrimento vivido em conseqüências do *bullying*, a vítima poderá desenvolver reações intrapsíquicas, com sintomatologias de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaléia, dor epigástrica, bloqueios dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem com reações extrapsíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas.

Entre os fatores que influenciam a formação de nossos jovens e o aparecimento do *Bullying*, destacamos a maneira como os pais lidam com as crianças, não conseguindo analisar o que está por trás dessa conduta, seja ela vítima ou agressor. A família, como já destacamos, é a base da formação da criança, assim, deverá proporcionar um clima saudável, em que o amor e o respeito seja uma constante prática cotidiana das relações, fazendo a criança reforçar sua identidade em valores positivos. Os pais precisam estar atentos a qualquer mudança de comportamento, para, assim, poder auxiliar, de forma

carinhosa, qualquer conflito que a criança esteja sofrendo, deixando claro seu apoio, se colocando abertos para trabalhar, em conjunto com a escola, no favorecimento de um clima harmonioso, diminuindo a violência escolar (LOPES, 2005). As consequências dessa violência no interior da escola acarretam prejuízos irreversíveis à vítima e a todos os envolvidos nesse processo, pois a escola, em vez de proporcionar algo positivo e saudável, traduz insegurança, sofrimento e, por fim, em muitos casos, não consegue prevenir tragédias. E o agressor, por outro lado, também precisa de ajuda, uma vez que acabará por adotar condutas negativas para sua vida, tendo consigo a falsa imagem de que a violência sempre lhe trará algo que deseja. Segundo Calimam (2006), “O tratamento indicado nesse caso deve ser o de habilitá-lo para que controle sua irritação, expressando sua raiva e frustração de maneira adequada, fazendo com que seja responsável por seus atos”. Levando em conta as pesquisas do professor Olweus, essa violência transforma os envolvidos em pessoas extremamente abaladas, acarretando sequelas para toda vida. O fenômeno *bullying* passou a ser considerado como problema de saúde pública devido aos danos físico-emocionais sofridos por todos os que estão envolvidos nele. De acordo com Cubas (2006, p. 35):

A violência na escola tem suas raízes, como discutido anteriormente, na violência do bairro e na família e em variáveis estruturais como a pobreza e a privação. Se, no bairro e na família, a pobreza e a escassez de recursos tornam a vida mais aguda, o mesmo ocorre nas escolas.

Diversos estudos estão sendo feitos em relação ao *bullying* e visando a sua abordagem em âmbito escolar, na busca de prevenção e de ajuda aos envolvidos nesse processo. Em todos os estudos, verificamos que o entendimento do assunto está diretamente ligado ao processo de socialização do indivíduo, pois a violência, muitas vezes, é uma construção da própria sociedade, provocando exclusão, desamparo, tristezas, ansiedades e frustrações que o indivíduo não tem como desconstruir sozinho, necessitando de ajuda. Muitas vezes, o ser humano se torna agressivo e fora de controle. Assim, a intervenção para recuperar e resgatar esse indivíduo se faz necessária, seja a intervenção da escola ou mesmo de órgãos da sociedade em geral. Independentemente do contexto social, devemos considerar que o *bullying* acontece em todas as escolas e em todos os lugares, portanto, quanto mais a família e a comunidade escolar estiverem abertas a aceitar e a entender a teia de conflitos que se desenrola no processo do fenômeno e de suas consequências, maior se torna a possibilidade de diagnóstico e de estratégias de prevenção (FANTE, 2005).

Entretanto, sabemos que essa mudança de comportamento é uma tarefa ampla e complexa, mas que é necessária para preservarmos a integridade de nossas crianças e dos nossos jovens. A busca de reflexão e de comprometimento na solução desse conflito é algo para planejarmos enquanto educadores e gestores, para que a mentalidade possa ser modificada em um curto espaço de tempo, semeando uma cultura voltada para a paz e a tolerância.

3. Considerações Finais

No transcorrer do presente texto procuramos desenvolver uma discussão que buscava compreender os elementos da agressividade com a manifestação do fenômeno *bullying* no cotidiano escolar. Nesse sentido, procuramos apresentar e definir o fenômeno da agressividade para, depois, mergulharmos nas possíveis ligações que este fenômeno possui com o do *cyberbullying*, por meio de um trabalho de revisão bibliográfica sobre o assunto em questão.

Combater a violência é, ao mesmo tempo, algo difícil e muito complicado, e reduzi-la envolve uma mudança de comportamento geral. Desta forma, a partir das reflexões propostas neste texto, podemos concluir que, apesar de a violência se manifestar em todos os lugares e de formas diferentes, acreditamos que a conscientização, a elaboração de políticas voltadas para a redução da violência e o comprometimento geral da sociedade são fatores de fundamental importância para a redução da manifestação do fenômeno nas escolas brasileiras. Ações dessa natureza farão com que as futuras gerações sejam capazes de resolver de forma pacífica seus conflitos. Sabemos que a tarefa não é simples, mas, se as mudanças se iniciarem desde o ensino infantil, esse comportamento agressivo se reduzirá e a escola poderá fazer um trabalho para resgatar valores como o respeito às diferenças, à paz, à tolerância, entre outros fatores, contribuindo para uma nova forma de pensar as relações interpessoais.

A construção de valores no ser humano é fator decisivo para a redução do *bullying*, pois esse processo de construção envolve atitudes que são moldadas a partir do convívio com a família. Nesse sentido, seu processo de desenvolvimento acaba sendo influenciado e seu comportamento alterado por situações de maus-tratos verbais, físicos e psicológicos. A violência na família acontece por diversas maneiras, fazendo com que as crianças passem a acreditar que esse tratamento é algo normal/natural no conjunto das relações sociais, influenciando de forma negativa o cotidiano de suas interações sociais e intelectuais.

Na escola, as crianças reproduzem, por meio da agressividade, todos os seus sentimentos e valores aprendidos na família, prejudicando a si mesmas e a todos da escola com quem convivem, gerando situações agressivas, levando essa bagagem de frustração e sofrimento muitas vezes para sua vida adulta, acarretando imensos prejuízos na sua vida social e pessoal.

De todas as maneiras, portanto, pelas quais busquemos a compreensão do fenômeno *bullying* – considerando suas faces –, entendemos que precisamos, enquanto educadores, aceitar que a educação é o caminho para a promoção de uma convivência sadia e pacífica nas escolas e que o diálogo é o instrumento mais eficaz para o enfrentamento desses conflitos violentos nesse espaço, em especial, na sala de aula, para alcançarmos a construção de uma mentalidade baseada em valores como a solidariedade, a tolerância e o respeito à diferença e no desejo pela paz.

4. Referências

- BEAUDOIN, M. N.; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola.** Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CALIMAN, G. Estudantes em situação de risco e prevenção. **Revista Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 52, p. 383-396, jul./set. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n52/a07v1452.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.
- CARDOSO, C. M. **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre a diversidade e desigualdade.** São Paulo: Unesp, 2003.
- CARVALHO, M. C. B. (Org.) et alii. **A família contemporânea em debate.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- DONATELLI, D. **Quem me educa? A família e a escola diante da (in)disciplina.** São Paulo: Arx, 2004.
- DURKHEIM, E. Juízos de valor e juízos de realidade. In: E. Durkheim. **Sociologia e filosofia.** 2. ed. Tradução: Fernando Dias Andrade. São Paulo: Ícone, 2007.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.
- FERNÁNDEZ, I. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade.** Tradução: Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2005.
- LEBRUN, G. **O que é poder.** 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LOPES NETO, A. A. De igual para igual. São Paulo: In: **Páginas Abertas**, São Paulo, ano 32, n. 30, p. 12-15, jul. 2007. Entrevista concedida a Estefânia Basso.
- . **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes.** In: **Jornal de Pediatria Online**, Rio de Janeiro. Vol. 81, nº 5 (supl.), p. S164-S172, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-557205000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 29 ago. 2007.
- MAGRINI, E. C. H. **Bullying: agressão como resposta do processo social.** São José do Rio Preto, SP: FACERES, 2007. 36 p.
- STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e máscaras: a busca da identidade.** Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 1999.
- MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D.; MYERS, D. J. **Psicologia social.** Tradução: Eliane Fittipaldi. Suely Sonoe Murai Cuccio. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2005.
- MONTAIGNE, M. **Ensaaios.** Tradução: Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- MORRISH, I. **Sociologia da educação: uma introdução.** Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- RUOTTI, C., ALVES R; CUBAS, V.O. **Violência na escola: um guia para pais e professores.** São Paulo: Andhep/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

5. Notas

¹Graduado em Ciências Sociais - Universidade Federal de São Carlos (2000) e Mestre em Ciências Sociais, com ênfase em *Relações Sociais, Poder e Cultura*, nessa mesma instituição (2004). Atualmente é professor na área de Antropologia da Faculdade Ceres (FACERES) e do Instituto Superior de Educação Ceres (ISE-CERES), ambas sediadas na cidade de São José do Rio Preto/SP.

² Graduada em Pedagogia - Faculdade Ceres (FACERES, 2007), de São José do Rio Preto/SP.

³ É importante destacar que o fenômeno em questão se manifesta em diversos ambientes da vida em sociedade, ou seja, não há um local por excelência no qual este fenômeno se manifeste. Como todo fenômeno fruto das relações sociais, este pode e habita os mais variados diversos ambientes sociais.

⁴ “O governo brasileiro ainda não se sensibilizou com o problema do *bullying*. Não existem políticas públicas voltadas para a valorização das relações interpessoais na escola, os projetos educacionais no país visam o ensino simples e não para a educação dos jovens” (Trecho de entrevista concedida por LOPES NETO, 2007).

Recebido em 22/04/2008.

Aprovado para publicação em 11/07/2008.